

ESTAMOS NAS REDES E FOMOS ÀS RUAS

Mirian Teresa de Sá Leitão Martins⁰¹

RESUMO

Este artigo por meio de revisão de literatura, buscou analisar se a eclosão das redes sociais tem potencializado as reivindicações das diversas bandeiras das jovens mulheres que estão presentes na sociedade, que se formam também a partir de espaços escolares. Discute o feminismo plural e como reverbera entre as jovens em contextos que plataformas digitais são cada vez mais utilizadas para a divulgação e organização de pautas feministas, e denúncias contra os diferentes tipos de violências, machismo, e demais opressões; vindo a se construir como um espaço “público virtual” de empoderamento. E se as redes sociais são instrumento para o revigoramento do feminismo e na construção dessa identidade entre a juventude feminina.

PALAVRAS CHAVE: Empoderamento. Feminismo. Jovens. Mulheres. Redes Sociais.

Abstract. This article, through a literature review, sought to analyze if the outbreak of social networks has strengthened the demands of the various flags of young women who are present in society, which also form from school spaces. I discuss plural feminism and how it reverberates among young women in contexts where digital platforms are increasingly used for the dissemination and organization of feminist agendas and denunciations against different types of violence, machismo, and other oppressions; coming to be built as a “virtual public space” of empuesta. And if social networks are instruments for the reinvigoration of feminism and the construction of this identity among the female youth.

KEY WORDS: Empoderamento. Feminism. Young. Women. Social networks.

1. INTRODUÇÃO

O interesse em conhecer como o movimento feminista reverbera entre a juventude já foi objeto de estudo em 2012 em uma Escola Pública Federal no Rio de Janeiro (Martins e Alcantara, 2012). Naquele momento, como agora, questões como a representatividade e visibilidade dos feminismos entre mulheres jovens nos inquieta, e continuam propositivas para novas pesquisas. Pretendo no presente trabalho discutir os feminismos em contextos que plataformas digitais são cada vez mais utilizadas entre a juventude feminina, na divulgação de suas lutas e denúncias contra os diferentes tipos de violências. Vindo a se construir como um espaço “público virtual” de empoderamento⁰².

A partir do pressuposto que a web é um espaço de interação, troca de informações, organização e atuação de diferentes sujeitos políticos, procura-se averiguar, por meio de revisão de literatura, se a eclosão das redes sociais digitais tem potencializado as reivindicações das diversas bandeiras das mulheres. Com isso pretende-se discutir os feminismos em contextos nos quais plataformas digitais são cada vez mais utilizadas entre a juventude feminina, na divulgação de suas lutas e denúncias contra os diferentes tipos de violências

Metodologia Trata-se de um trabalho de natureza qualitativa, do tipo bibliográfico exploratório. O procedimento técnico deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, utilizando a metanálise, que se caracteriza por ser uma revisão sistemática de outros estudos com o intuito de analisar e produzir novos resultados.

2. DISCUSSÃO

O “Feminismo” na sua consolidação como movimento social está intimamente relacionado a uma gama de acontecimentos históricos

01 Psicóloga, Mestre em Ciências Médicas pelo PGCM/Uerj. Pesquisadora. Mestranda do Programa de Saúde Coletiva/UFF. mirianteresad@yahoo.com.br.

02 Conceito que surgiu nos anos 70 da luta de movimentos civis para a superação de opressões (ROMANO, 2002).



e políticos nos quais emergem reivindicações de mulheres. Diversas lutas se fortaleceram desde as primeiras conquistas, no séc. XIX, das sufragistas e suas lutas pelo direito ao voto das mulheres. Uma trajetória que vem aglutinando uma diversidade de sujeitos cujas demandas, envolvem o fim das violências de gênero, do patriarcado, das inequidades; com suas identidades e representatividades diversas.

Esse processo mostra-nos que houve e há rupturas, contradições e avanços ao longo do processo histórico de construção. As diferenças marcaram as “ondas feministas”² ao longo do séc. XX. Por serem as desigualdades diferenciadas, as “bandeiras” se construíram em ações específicas contra as opressões e na busca de direitos.

Essa visão de que não há um movimento unificado, e sim um feminismo plural marcado pelas diferenças, geracionais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, raciais e, mais recentemente, da própria identidade de gênero, foi se consolidando a partir da intitulada “terceira onda”, após a década de 1990. Ao lado das lutas pela igualdade de gênero outras se somam.

Há nos países latinos americanos uma identidade pautada pelas diversas opressões de classe, raça, etnia, econômica, entre outras, que aproximam diferentes grupos. Para Matos (2010) poderíamos pensar em uma “quarta onda feminista” própria dos territórios sul americano, focada em questões como:

[...] institucionalização das demandas das mulheres e do feminismo por intermédio da elaboração, implantação e tentativas de monitoramento e controle de políticas públicas para as mulheres que tenham claramente o recorte racial, sexual e etário, bem como a busca do poder político, inclusive o parlamentar;

2) criação de novos mecanismos e órgãos executivos de coordenação e gestão de tais políticas no âmbito federal, estadual e municipal;

3) desdobramentos oriundo da institucionalização, com a criação de organizações não transnacionais e da agenda internacional das governamentais (ONGs), fóruns e redes feministas e, em especial sob a influência das inúmeras redes comunicativas do feminismo;

e, finalmente e ainda mais importante, por meio de um novo frame para a atuação do feminismo, desta vez numa

perspectiva trans ou pós-nacional que deriva daí um esforço sistemático de atuação em duas frentes concomitantes: uma luta por meio do esforço de construção da articulação entre feminismos horizontais, e de uma luta radicalizada pelo encontro de feminismos no âmbito das articulações globais de países na moldura Sul-Sul (MATOS, 2010, p.69).

3. MULHERES JOVENS E OS FEMINISMOS.

Entendemos ser importante definir antes de prosseguirmos o presente estudo, o que entendemos por juventude, pois houve nas últimas décadas uma mudança da concepção exclusiva do campo médico. Na atualidade, como nos lembra Brandão (2004) existe uma relativização na demarcação das categorias adolescência e juventude e os limites etários não são tão rígidos, não há uma distinção clara dos dois grupos, o que se observa, é o alargamento do que se considera juventude. Ou seja, a demarcação rígida de ambos e a juventude dita dos 15 aos 24 anos passou a ser repensada, tendo influencia os aspectos sociais, culturais, econô-

micos e de gênero para delimitar-se esse grupo etário. A juventude sempre esteve presente nos mais diferentes contextos dos feminismos ao longo da história. Como sujeito de direitos no nosso país é recente sua articulação, e há muito que conquistar nesse sentido.

De forma mais organizada, grupos que surgiram inclusive em espaços universitários, temos a seguinte cronologia de fortalecimento das agendas juvenis: Fórum Cone Sul de Mulheres Jovens Políticas 2001, X Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe de 2005 (neste afirmaram-se as mulheres jovens como sujeito político passando a ter uma participação ativa tanto na organização, como participação do programa), Encontro Nacional de Jovens Feministas-2008, XI Encontro Feminista Latino Americano e do Caribe- 2009 e o Encontro Nacional de Negras Jovens Feministas-2009 (MARTINS e SILVA, 2019 apud PAPA e BORGES, 2014).

Vale ressaltar no I Encontro Nacional de Jovens Feministas de 2005 que reuniu várias identidades políticas de mulheres jovens, houve a produção de uma “Carta de Princípios” lançada pela Articulação Brasileira Jovens Feministas. E uma carta manifesto das Negras Jovens Feministas, na qual repudiam: o racismo, sexismo, lesbofobia e adulto centrismo (PAPA e BORGES, 2014).

Para compreender melhor qual era a re-



apresentação do “Feminismo” de jovens que nasceram e se socializaram em um período no qual algumas conquistas como um pouco mais de equidade e direitos das mulheres já ocorreram, a autora em 2012 realizou entrevistas com alunas do último ano do Ensino Médio, que eram estudantes de um Colégio Federal da cidade do Rio de Janeiro.

E que tinham entre 17 e 19 anos e pertenciam às camadas populares e médias (Martins e Alcântara, 2012). As entrevistas foram feitas de forma aleatória nas dependências do referido colégio e apenas uma, das vinte entrevistadas, via o “feminismo” como um movimento de luta pela equidade de gênero, e se intitulava também feminista. As demais entrevistadas falaram sobre as conquistas femininas na sociedade como inerente a mesma, sem referirem-se às suas bandeiras e resistências.

Apoiando-nos em Giddens (1993), pôde-se inferir que as novas formas de relações entre homens e mulheres um pouco mais igualitárias nas sociedades ocidentais atuais, vivenciadas no cotidiano desses jovens, produziria uma naturalização em um momento de afirmação das minorias (MARTINS e ALCANTARA, 2012).

Enquanto que o movimento social de maior destaque entre essas jovens entrevistadas era a luta dos afrodescendentes em busca de reconhecimento e direitos. Na sua grande

maioria, elas eram sensíveis à causa e faziam parte de alguns grupos (MARTINS e ALCANTARA, 2012).

Esses dados coletados nos convidam a pensar a questão de se reconhecer e ser reconhecido em determinadas identidades no contexto atual, no qual há uma atomização das mesmas, para os jovens as identidades não são fixas. E há uma busca própria desse período das suas vidas, por questões que representem as suas vivências e expectativas.

Assim como no estudo citado acima, Zanetti (2011) ao investigar a aproximação de jovens mulheres militantes com o “feminismo” e outras lutas, identificou a múltipla identidade de jovens na contemporaneidade e sua articulação com a pluralidade feminista. E que mesmo tendo experiências na militância, esse processo não forjou de fato nessas mulheres uma identidade feminista.

Para Mary Castro (2004), os estudos sobre juventude e feminismo nas culturas juvenis, não apontam ainda essa identidade nesse grupo etário. Pelo “(...) fato de as mulheres jovens ainda não se constituírem em um coletivo feminista, sujeito social de pressão, sujeitos de uma cidadania ativa juvenil feminista” (CASTRO, 2004, p.298).

Já em Pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo (2010) mostra que entre os

anos de 2001 a 2010 houve um aumento de 21% para 31% do contingente de brasileiras que se consideram feminista, e que entre este havia uma prevalência de jovens: das jovens entre 15 e 17 anos, quarenta por cento e na faixa etária de 25 a 34 anos, 37%, se consideram feministas.

Devo salientar que há na questão identitária aspectos a serem analisados. Embora os feminismos tenham se aproximado mais das vivências diárias das mulheres, há o reconhecimento das mudanças na sociedade no sentido de uma maior equidade de gênero pelas jovens, ao mesmo tempo as entrevistadas, na sua grande maioria não se identificaram como sendo feministas (MARTINS e ALCANTARA, 2012 e ZANETTI, 2011).

Igualmente verificado na análise de Castro (2004), que para a autora ainda é incipiente a articulação da juventude como sujeito político e, portanto, não se constituindo como feministas. Embora os dados coletados demonstrem um aumento percentual nessa auto nomeação entre jovens mulheres (PERSEU e ABRAMO, 2010).

Para Weller (2005) o movimento feminista não teria a possibilidade de aglutinar em uma só luta as diversas demandas que fazem parte dos movimentos da juventude, as jovens tem perspectivas políticas diferenciadas, que seria para a pesquisadora, uma marca geracional.

Carneiro (2003) aponta uma explicação; é fundamental que exista uma pluralidade que possa dar voz às diferentes opressões, para além do sexismo. Há a necessidade de que nos processos de identificação, as mulheres vejam nos grupos “outras iguais” a si, com vivências parecidas, sendo esse reconhecimento fundamental na construção da identidade.

Assim como Gonçalves et al (2013), que ressaltam que quando ocorre uma aglutinação das diferenças nos grupos feministas ou articulações específicas, como por exemplo, as das jovens negras ou lésbicas, abre-se possibilidades de se forjar uma identidade feminista, pois essas mulheres ao se auto afirmarem, aspiram uma identidade política que possa responder às suas realidades, pois estas são plurais.

E ampliando um pouco mais as conclusões, contextualizando os resultados obtidos, trago um fato relevante que pode contribuir como mais um na discussão. Naquele momento, quando foram realizadas as entrevistas citadas em uma Escola Pública Federal do Rio de Janeiro, ainda não havia ocorrido o boom da juventude às ruas, cuja ação emblemática foram as grandes manifestações de 2013, ocorridas em todas as capitais do Brasil.

As manifestações de 2013 chamaram atenção para os movimentos sociais e também



para os feminismos. Muitas ativistas foram às ruas com suas “marchas” e diversos atores sociais se colocaram em cena, em especial os jovens, que passaram a se identificar com diferentes frentes de luta e a reivindicar mais direitos, entre outras bandeiras (RODRIGUES, 2016).

Além desse, outro fator que contribuiu para essa maior participação das pessoas no cenário político e que nos instiga como uma reflexão no presente estudo, foi: 1- a eclosão do ativismo online- das mídias e redes sociais, proporcionado pelo amplo acesso às tecnologias de comunicação e informação e alta usabilidade dos recursos digitais. 2-As Mídias e Redes Sociais.

As mídias e redes sociais são novas formas comunicacionais mediadas pela internet, um instrumento eficaz para a expressão de diferentes grupos das suas ideias, reivindicações e concepções, além de servir como um espaço de denúncia, principalmente no que se refere as mais diversas violências.

A internet se tornou a partir de 2013 uma grande difusora das lutas sociais (Castells, 2013) no mundo e no Brasil. O que ampliou no movimento das mulheres essa forma comunicacional, principalmente entre a população mais jovem.. Surgiram “Coletivos” (formas de ações coletivas horizontalizadas) que utilizam a web, com perfis em facebook, blogs e twittes, para discussões e organizaram diversas marchas em um contexto altamente conectado, partindo do virtual alcançaram as ruas e se multiplicavam na web (RODRIGUES, 2016).

A popularização das mídias e redes sociais ocorreu a partir dos anos 2000, mas desde a década de 1990 o ciberfeminismo já despontava como um novo fenômeno social. Definido como “um conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrônica, sobretudo a internet e a tecnologia digital” (FERREIRA, 2015, p. 37).

O ciberfeminismo se caracteriza como um movimento de expressão estética, política e de comunicação. As primeiras manifestações ocorreram na Austrália com o coletivo artístico VNS Matrix. Este realizou instalações artísticas e eventos que circulavam pela internet, sendo o mais conhecido é Cyberfeminist Manifest for the 21st Century. Outros exemplos ocorreram nos EUA com os grupos performativos de artistas feministas (SHAH, 2005).

A partir de discursos e práticas feministas, plurais e heterogêneas, ou seja, vários grupos e denominações se apropriaram dessa nova forma de ativismo como: ciberpunk, o transfeminismo e tecnofeminismo⁰³, entre outros Es-

ses coletivos utilizam as redes sociais, que se popularizaram cada vez mais a partir da segunda metade do séc. XXI, como ferramentas para disseminação de suas lutas pela igualdade de gênero e emponderamento das mulheres.

De acordo com Marnito (2014) os blogs feministas e o facebook possibilitam que mulheres divulgassem de maneira direta em seus relatos opressões das mais diversas vivenciadas, a partir de uma fala pessoal sem cortes e sem edição de um editor ou revisor.

Por isso, passam a ter um valor de notícia. Nesses espaços há denúncias das violências que sofrem, do sexismo e das iniquidades. Para Lima (2013, p.10), “(...) as redes sociais virtuais constituem-se, como um espaço de confronto aos discursos dominantes. A popularização da internet contribuiu para fazer circular massivamente discursos de valorização do feminismo”.

Entender como no mundo contemporâneo as relações se dão nesse espaço virtual de comunicação é fundamental, para se pensar o movimento das mulheres no contexto atual. Para além da virtualidade esses grupos rompem a web e vão as ruas, são bandeiras de diferentes feminismos que afirmam suas resistências.

No Brasil, um marco segundo autores, para o impulso do ativismo online feminino seria a “Marcha das Vadias de 2012”, composto por jovens mulheres. A Marcha começou em Toronto no Canadá em 2011, quando um policial em um campus universitário ao declarar sobre segurança sugeriu que as mulheres poderiam evitar serem estupradas se não se vestissem como: sluts (vagabundas) (GOMES e SORJ, 2014).

A “Marcha das Vadias” foi organizada por um grupo de mulheres jovens que utilizam os recursos da internet, com seus blogs, perfis e twittes para debater assuntos muitas das vezes silenciados, como: aborto, direito ao corpo e liberdade sexual. No Brasil conseguiu com sua forma irreverente aglutinar um número significativo de mulheres, a maioria universitárias, porém não se consolidaram enquanto “grupo” e não deram continuidade as marchas. Produziram uma linguagem midiática para chamar atenção para o machismo, a homofobia, a lesbiofobia e assédios com frases, por exemplo: “Eu Não Sou Cachorra,Não!” e “Minha Roupa Não Me Define!”, entre outras. Que foram amplamente divulgadas nas mídias tradicionais, nas redes e nas ruas, em especial na “Marcha” de maior destaque no Brasil, a de 2013 (FERREIRA, 2015).

Outra marcha extremamente importante foi a “I Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo a Violência e Pelo Bem Viver”, de 2015,

que reuniu uma diversidade de mulheres, estudantes e trabalhadoras em Brasília; aproximadamente 50 mil mulheres negras das diversas regiões do Brasil e de diferentes gerações. Foi fruto da militância organizada pela Articulação de Mulheres Negras do Brasil afiliadas e entidades parceiras, que durante três anos gestaram esse encontro com pautas de denúncias a respeito da intersecção racial, sexual e de gênero na construção e perpetuação das desigualdades vivenciadas por mulheres negras (ABMN, 2016).

Para a mobilização dessa “Marcha” no processo de comunicação se utilizaram também das novas ferramentas virtuais, ocuparam a página da (AMNB) na web, e outros blogs, o facebook e listas de e-mails. Além dos encontros presenciais que essas ativistas fizeram com seus grupos, “(...) foram realizadas agendas, debates, rodas de diálogo, samba, bingo, passeata, seminários, exposições, oficinas, sarau de poesia, audiências públicas entre outras ações (ABMN, 2016, p.4).

As mulheres jovens, muitas estudantes, protagonizaram a “I Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo a Violência e Pelo Bem Viver”, pois “(...) o termo violência foi incorporado para ressaltar a impunidade na matança de negros, sobretudo da juventude” (Abmn, 2016, p.9), além dos Feminicídios (assassinato de mulheres no qual a causa foi o gênero da vítima), e mortes de mulheres negras grávidas nos sistemas precarizados da saúde, a exclusão, a pobreza e buscou romper com os estereótipos de não ser padrão de beleza.

A web se transforma cada vez mais em um espaço de articulação para a juventude feminista. As mulheres Negras e Jovens engajadas lançaram uma página no facebook intitulada “II-Encontro-de-Negras-Jovens-Feministas” para divulgar e organizar o 2º Encontro Negras Jovens Feministas, em setembro de 2017, na cidade de Brasília (ABMN, 2016).

Além de terem uma página online, nesse espaço fazem referências a “I Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo a Violência e Pelo Bem Viver”. Afirmam como a mesma foi um divisor de águas para o compromisso pela eliminação ao racismo no Brasil. Movimento que possibilitou as jovens se identificarem e, consequentemente, a se mobilizar. O legado histórico da “Marcha” foi a criação de coletivos e articulações entre as militantes.

Já na Argentina em 2015 as ativistas do movimento “NI UNA MENOS” composto por jovens, na sua maioria, iniciou após as mortes violentas de mulheres, várias “marchas” pelo país. Na primeira grande mobilização jovens

03 Ciberpunk-uma subcultura que se destaca pela preferência por música psicodélica e os gêneros entre punk rock e música eletrônica (WIKIPEDIA).Transfeminismo –corrente no movimento feminista, para a transformação a partir de uma crítica a biologização do conceito de gênero.Tecnofeminismo-movimento que discute as relações de gênero no uso das tecnologias (Rodrigues, 2016)

tomaram as ruas de Buenos Aires, indo até uma praça em Frente ao Congresso Argentino para protestar.

Este movimento logo se espalhou por vários países da América do Sul, possui um blog e um perfil nas redes sociais, dos quais se articulam, organizando grandes protestos contra o feminicídio, diferentes abusos contra as mulheres, por direitos e leis afirmativas (FREITAS, 2016).

As organizadoras do “Ni UNa Menos” se apropriaram assertivamente da web a partir de uma página própria do coletivo, perfil do facebook e twittes, e com suas hashtags, entre outros recursos obtém uma grande visibilidade às suas marchas e bandeiras. E tiveram ganhos concretos, a partir de suas lutas o governo argentino criou em 2015 um Registro Nacional de Feminicídios. E uma pasta de Direitos Humanos das Mulheres, dedicada as Políticas Públicas para os casos de violação, na Secretaria de Direitos Humanos (FREITAS, 2016).

Entendo que há vários grupos feministas que surgiram e surgem, nas escolas, universidades e outros espaços, estão presentes na web. Sendo principalmente de jovens militantes, que utilizam mais frequentemente essas ferramentas.

Seja para as lutas pelo reconhecimento de direitos específicos da juventude, ou inerentes ao feminismo plural. Porém dei destaque as “Marchas” acima citadas pelo fato que possuem uma visibilidade política alcançada desde que surgiram, tem mais destaque nas mídias tradicionais e alternativas, uma capacidade de

aglutinar um número significativo de mulheres a partir das suas bandeiras e propor mudanças.

São grupos que levam muitas militantes às ruas e ampliaram diversos debates sobre: os assédios, feminicídio, racismo, machismo, direito ao corpo, sexualidades, opressões de raça, etnia, classe e de identidade de gênero e democratizam suas ideias utilizando também os diferentes artefatos da mídia, um espaço virtual político para as juventudes, com discussões propositivas. Contribuindo para a afirmação dessas jovens mulheres como sujeito político, enfim emponderando-as.

4. CONCLUSÕES

Os feminismos sempre foram um instrumento de pressão para que de fato ocorressem mudanças nas mais diversas Políticas Públicas direcionadas a vida das mulheres, na sociedade e para o emponderamento feminino. E continua vivo para as novas gerações, nas escolas, nas universidades e nas ruas. Identifico na contemporaneidade a internet como um instrumento para o revigoramento da luta feminista, principalmente entre as mulheres jovens. Com o seu advento e com a explosão das redes sociais em sociedades nas quais as pessoas estão cada vez mais conectadas, surgiram vários coletivos e antigos grupos feministas na web, o chamado: ciberfeminismo. Este amplia um ativismo online

que ocorre a partir dos conteúdos em blogs e facebook, das discussões, links e enchendo as redes com suas hashtags. Nesse espaço público virtual as mulheres jovens, como sujeito político, afirmam sua identidade feminista nomeando as diversas opressões sejam de raça, classe, etnia, geracional e gênero e participando ativamente das discussões online, organizando e participando de marchas feministas promovidas com o uso da internet.

A web ao favorecer e lhes dar visibilidade, amplia suas lutas e promove entre as jovens um encontro com outros sujeitos, que tem vivências, opressões e anseios em comum a elas, nesse novo local - o virtual. O que possibilita a sua identificação com um “outro igual a si”, no sentido que percebem que outras mulheres vivem igualmente as mesmas opressões, e assim se sentem à vontade e estimuladas a se expressar e compartilhar ideias e denúncias; ou seja, há uma circulação dos discursos.

Vale ressaltar que, é justamente a possibilidade de se ter uma diversidade de informações que circulam nas redes sociais e expressam diferentes realidades, que favorece a representatividade e uma identificação com “seus iguais”, pois elas percebem que suas realidades diferenciadas, seja pelo gênero, idade, classe, etnia e raça, e outras, não são únicas. O que possibilita a construção de uma identidade. Essas novas identidades tem a marca da geração: são jovens e feministas.

Referências

- ADRIÃO, Karla. Galvão.; MÉLLO, Ricardo. Pimentel. As jovens feministas: sujeitos políticos que entrelaçam questões de gênero e geração? In: XV Encontro Nacional da Abrapso 2009, Maceió. Anais do XV Encontro Nacional da Abrapso, Maceió, 2009, p.135-143.
- ABMN.E-book-Marcha-das-Mulheres-Negras16, Brasília, 2016. Disponível em: Acesso em: 01 maio 2018.
- BRANDÃO, Eliane. Iniciação sexual e afetiva: exercício de Autonomia juvenil. In: Heilborn, M. L. (org). Família e Sexualidade. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p-63-86.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, jun. 2003.
- CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.
- CASTRO, Mary Garcia. Políticas públicas por identidades e de ações afirmativas: acessando gênero e raça, na classe, focalizando juventudes. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 275-303.
- FERREIRA, Gleidiane. Feminismo Mídias e Redes Sociais Na Marcha Das Vadias No Brasil. Revista Artemis, Paraíba, v. XV, n. 1, p. 33-43, jan-jul, 2013.
- FERREIRA, C. B. de C. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo. Cadernos Pagu, Campinas, São Paulo, n.44, p.199- 228, jun. 2015.
- FREITAS, Ana. #Niunamenos: por que as mulheres argentinas entraram em greve e foram às ruas. Nexo Jornal, 2016. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/19/Niunamenos-por-que-as-mulheres-argentinas-entraram-em-grevo-e-foram-%C3%A0s-ruas>. Acessado em 2 mar 2018.
- GOMES, Carla e SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. Revista Sociedade Estado. vol.29 no.2 Brasília May/Aug. 2014.
- GONÇALVES, Evelin de Freitas et al. Das Idades Transitórias: As “Jovens” No Feminismo Brasileiro Contemporâneo, Suas Ações e Seus Dilemas. Revista Feminismos, Bahia, v.1, n.3, p-79-109, set- dez. 2013.
- MATOS, Marlise. Movimento e teoria feminista: e possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul global? In: SZWACO, J., ADELMAN, M. (Orgs) Dossiê Teoria Política Feminista. Paraná: Revista de Sociologia e Política, v. 18, n. 36, p. 67- 92, 2010.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Teorias das Mídias Digitais – Linguagens, ambientes e redes. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.
- MARTINS, Mirian Teresa de Sá Leitão e ALCANTARA, Karoline. Mudanças na Condição Feminina na Atualidade: Revisitando a História do feminismo. Revista Ártemis. Paraíba, v14, ago-dez 2012, p-98-110.
- MARTINS, e SILVA, Thaiana, Rodrigues. Um estudo sobre coletivos feministas: Jovens secundaristas e universitárias. Cadernos De Gênero e Tecnologia(CEFET/PR), 2019, (no Prelo)
- PAPA, Fernanda e BORGE, Larissá. Imaginando cores que nunca vimos. In: LOBATO, A. L. (org). Jovens Mulheres e Políticas Públicas. Brasília: Presidência da República: Coleção Juventude. Série Estudos, n. 2, p.187-201, 2014.
- RODRIGUES, Laís. Modelo. Blogs Coletivos Feministas: um Estudo Sobre o Feminismo Brasileiro Na Era Das Redes Sociais Na Internet. 2016. Dissertação de Mestrado no (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação)-Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho, Bauru, São Paulo, 1976.
- ROMANO, Jorge. O. Empoderamento: enfrentemos primeiro a questão do poder para combater juntos a pobreza documento de apoio. In: International Workshop Empowerment And Rights Based Approach In Fighting Povert Together. Rio de Janeiro.2002.
- SHAH, Nancy. PlayBlog: Pornography, performance and cyberspace. Cutt-up.com Magazine, Holanda,2005 vol.2.5, p. 42. Disponível em: [<http://www.cutup.com/news/detail.php?sid=413> Acesso em 2 abril 2018.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 13, n. 01, 2005, p. 107-126.
- ZANETTI, Júlia. Jovens Feministas do Rio de Janeiro; trajetórias, pautas e relações intergeracionais. Cadernos Pagu. Campinas, São Paulo, v 36, p- 47 -75, jun.2011.